

EL VISITANTE : A IDENTIDADE E A FICÇÃO

Luciana Benetti Marques Valio

Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Campinas - UNICAMP. Mestrado em Cultura e Informação na Universidade de São Paulo - USP.
luvalio@yahoo.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2795-1538>

RESUMO

Pretende-se apresentar uma análise crítica sobre a intervenção da artista Renata Lucas EL VISITANTE (2012) realizada na cidade de Guernica, país Basco. A intenção é discutir como a espécie estrangeira lança o olhar sobre a identidade local. Por meio do plantio de uma árvore nativa brasileira, a artista aflora questões da identidade cultural do povo basco e do movimento político nacionalista. Entretanto, ressalva-se que o papel da visita estrangeira como desencadeador de uma ficção sobre uma carga de ficção da história representada. Enfim, seja como for, enfatiza-se que a intervenção provoca fricções com o contexto local ao produzir ficções que suscitam e sustentam dissensos.

Palavras-chave: *arte contemporânea; identidade; renata lucas.*

ABSTRACT

This paper intends to introduce a critical analysis of the Renata Lucas' artistic intervention EL VISITANTE (2012), executed at Guernica's city. This paper's intention is to discuss how a foreign species realizes the local identity of the Basques. By means of to plant a native Brazilian tree, the artist emerges the issues of cultural identity of the Basques and the nationalist political movement. It is emphasized that the foreign visit's role can be understood as the starter about a fiction over a charge of the fiction of represented history. By the end, it is emphasized that the intervention leads to frictions with the local context, by creating fictions that raises and sustains dissensus.

KEYWORDS : *Contemporary art; Identity; Renata Lucas.*

A OBRA E O MUNDO: A SIBIPIRUNA EM GUERNICA

Uma espécie estrangeira foi inserida ao lado do jardim dos carvalhos sagrados da cidade de Guernica, país Basco. Como uma visitante, do lado de fora do gradil, sem misturar-se às outras, a árvore foi plantada. Trata-se da intervenção EL VISITANTE (2012)¹ da artista Renata Lucas.

A artista plantou uma Sibipiruna² - árvore nativa de sua terra natal (Brasil) - no passeio próximo aos Carvalhos e à Casa de Juntas. Portanto, durante o período da exposição “Sentido y sostenibilidad”, a árvore foi exibida no Camino Real, mais especificamente, no trecho da rua entre o Parque de los Pueblos de Europa (Parque das Nações Europeias) e da Casa de Juntas (Casa da Assembleia).



Figura 1: EL VISITANTE, 2012. Renata Lucas; Vista da Intervenção (fotografia). FonteCréditos da imagem de Renata Lucas, 2012. Cortesia da artista.

O local, onde a artista escolheu para realizar sua intervenção para a exposição, é bastante simbólico para o povo basco: “Trata-se de um lugar para se lembrar da guerra sangrenta que constitui um episódio na história de Guernica, bem como um ponto geográfico de confluência dos conflitos separatistas bascos.” (CASTRO,

2012, p. 148, tradução nossa). A introdução de um elemento estrangeiro (a Sibipiruna) possibilita uma reflexão sobre o papel simbólico do Carvalho, árvore referência da liberdade política para o povo basco. “A árvore estrangeira e solitária é plantada na calçada ao redor do edifício como se fora um visitante a mais, um outro outro.” (Ibidem, p.148, tradução nossa).

Dessa maneira, o visitante aflora questões locais, porque, talvez, “os traumas históricos que experimentamos sejam apenas o fato de que a história representada (a representação visual ou escrita da história) inclui uma carga fictícia insuportável.” (CASTRO, 2012, p. 148, tradução nossa). Nesse sentido, “Renata Lucas leva a um colapso simbólico dos signos e do tempo; uma disjunção física, um cruzamento entre o agora e seu anacronismo.” (Ibidem, p.148, tradução nossa). Tal colapso simbólico é produzido devido ao diálogo articulado pela artista entre as espécies de plantas: o Carvalho, como símbolo sagrado da liberdade, e a Sibipiruna como referência ao Brasil. Tempos e espaços diferentes confrontados incitam às questões latentes do País Basco.

Talvez tais questões ainda precisassem ser refletidas por outros caminhos e, por este motivo, a intenção da curadoria da exposição “Sentido y sostenibilidad” em afirmar a cultura de paz – tema tão caro ao governo Basco. Para tanto, enfatiza as ações não violentas para atingir os objetivos pleiteados: a liberdade política e a afirmação da identidade cultural. A Ministra da Cultura, Blanca Urgell, apresenta a proposta da exposição como um marco:

Nesse cenário de ausência da violência que vivemos no País Basco, Euskadi 2012 está estimulando atividades culturais como a iniciativa artística chamada “Sentido e Sustentabilidade”, para promover um olhar crítico e esclarecedor sobre a violência, suas causas e consequências, afirmando a capacidade das artes para imaginar novos futuros e contribuir para a regeneração da convivência e do progresso social. (SENTIDO..., 2012, s/p, tradução nossa).

Assim, EL VISITANTE (2012) participa de um evento que se pretende como “um espaço indeterminado e difuso onde outra arte pode e deve acontecer; adaptando-se, participando, comprometendo-se ativamente com as dinâmicas sociais, econômicas, políticas, culturais e naturais dos diferentes contextos que

formam parte do projeto.” (BALMISA, 2012, p. 96, tradução nossa). Deste modo, intervir no espaço onde os conflitos sociais, culturais e políticos estão latentes, necessitou da perspicácia da artista para provocar uma ruptura no consenso estabelecido. O trabalho pede por uma reflexão para ser compreendido, carece de um entendimento do contexto, da cultura e da história local.

Em *EL VISITANTE* (2012), a Sibipiruna marca a presença de uma identidade diversa da local, ao mesmo tempo, não é o aspecto do estrangeiro que é reforçado ao plantá-la, mas são as próprias questões locais afloradas ao ter a Sibipiruna como uma visitante. Já citada anteriormente a reflexão de Castro (2012), de que a presença da Sibipiruna é um outro outro, ou seja, não se trata daquele o qual se quer separar – em relação aos movimentos de identidade e reconhecimento do povo basco –, entretanto, não deixa de ser um estranho.

Do lado externo do jardim dos frondosos carvalhos, a Sibipiruna é plantada no meio do passeio, obrigando o transeunte a desviar-se (dar a volta em torno da árvore) para continuar seu percurso pela calçada. Com isso, percebê-la como uma intrusa pode ser a sensação acometida, porém, a intervenção, como o próprio título, é uma visitante, talvez seja convidada ou não, seja como for, o fato de ser uma visita remete ao aspecto temporário, sabe-se que sua presença será por tempo determinado.

Além do tempo determinado, a própria escolha pela espécie da planta, possibilita leituras sobre a visita. A artista selecionou uma árvore que referencia um aspecto do Brasil: a Sibipiruna é uma espécie comumente utilizada na arborização urbana. Isto é, não se trata de ser somente uma árvore nativa do Brasil, mas de uma árvore urbana. Nas calçadas das cidades do sudeste brasileiro, a Sibipiruna oferece sombra aos transeuntes e principalmente aos veículos estacionados sob sua copa. Sua folhagem reticulada assemelha-se à do Pau-brasil, porém diferentemente do Pau-brasil, a Sibipiruna tem crescimento rápido e, além disso, adapta-se às podas frequentes.



Figura 2: EL VISITANTE, 2012. Renata Lucas; Vista da Intervenção (fotografia). Fonte: Créditos da imagem de Renata Lucas, 2012. Cortesia da artista.

Trata-se de uma visitante de fácil adaptação ao solo basco, porque ela não necessita de cuidados especiais, mas é resistente o suficiente para desenvolver-se no novo território. Porém, apesar de todas estas características que possibilitariam o enraizamento da árvore e a permanência no solo estrangeiro, é preciso lembrar-se de que ela é somente uma visitante. Fato que lhe confere um caráter temporário, ou seja, a árvore permanecerá plantada somente pelo período da exposição.

Neste sentido, é possível refletir o quanto o significado de visitante pode ser confundido com o de intruso, uma vez que, questões de identidade e nacionalismo estão latentes. Inclusive, leva-se a ponderar o quanto há de provocação da artista ao introduzir sua própria nacionalidade num contexto já carregado de conceitos e símbolos nacionalistas, possibilitando questionar o quão fictício é a própria história do nacionalismo.

Assim, ao inserir a Sibipiruna, Renata Lucas marca uma identidade estrangeira no solo basco, ou seja, introduz a presença do outro, ainda que mais próximo e adaptado ao solo, continua sendo o outro. Essa presença silenciosa e temporária do outro, cria uma fricção com o contexto local.

O CARVALHO E A IDENTIDADE BASCA

A leitura sobre a identidade basca, segundo Vargas (2009), remete diretamente à língua euskera, considerada a mais antiga da Europa, por ser classificada como anterior à indo-europeia, e não ter relação estrutural com as línguas latinas nem com as germânicas. Trata-se de uma língua fortemente de tradição oral, sendo sua literatura culta datada somente a partir do século XVI.

No século XX e nos dias atuais, a língua tornou-se o elemento unificador da identidade dos povos bascos, os quais se denominam de euskaldun, que significa falantes de basco³. Dessa maneira, Villalón (2016) esclarece que, os euskaldun identificam-se pelo idioma na ocupação do espaço, ou seja, aqueles que dominam a língua tem uma inserção sociocultural no território basco diferente daqueles não falantes do euskera. Tal fato deve-se ao intuito do Governo Basco de afirmar a identidade nacional, principalmente após os anos 1980, por meio de um repertório de ações para legitimar a língua basca como outra língua oficial. A autora descreve que, para realizar sua proposta, o Governo Basco, entre outras ações, exigiu como necessário o domínio do euskera para o ingresso em empregos públicos; definiu sua política linguística com direito ao uso da língua basca nos tribunais e em instituições públicas e educacionais; escolarizou as novas gerações no euskera e, para tanto, formou professores e capacitou funcionários. Assim, com uma política direcionada ao fortalecimento e naturalização da língua basca, há uma busca por consolidar territórios bascos a partir de um sentimento de pertencimento a uma nacionalidade comum.

A oficialização do euskera resultou em um longo processo em que se conseguiram colocar, no espaço de debates, novas narrativas que fortaleceram a desqualificada “basquidade”, graças ao trabalho de linguistas, literatos, padres, antropólogos e militantes antes do nacionalismo político, desenvolvido no início do século XX e a partir dos anos 1960 (Sarasola 1982). [...] Desse modo, a língua se tornou um objeto suscetível de intervenção social, com planos de mensuração, padronização e planejamento linguístico que são potencializados desde antes de 1980 até o presente. (VILLALÓN, 2016, p. 539, tradução nossa).

Assim, Villalón (2016) constata que o espaço se relaciona com a língua; com os hábitos e com os sentimentos acerca da língua. O idioma torna-se o espaço de pertencimento e interação social. Portanto, o direcionamento governamental nas ações para difusão e naturalização do euskera, passa por diversas dimensões no âmbito sociocultural.

Atualmente, o País Basco é formado por três províncias: Biscaia, Álava e Guipúscoa, situado nos Pirineus entre a Espanha e a França. Na época medieval, o governo de cada província era denominado de foro. Assim, até o século XIX os foros regiam a política. Os foros passaram a ser símbolo da autonomia e da identidade política basca. Os foros medievais aconteciam sob a sombra dos carvalhos, os bascos se reuniam para discutir os interesses comunitários. Na província de Biscaia, cada território administrativo tinha sua própria árvore (o carvalho). O carvalho de Guernica singularizou-se, pois à sombra desta árvore foram redigidas as leis bascas com o apoio dos representantes de cada povoado basco. Inclusive, Ferreira (2012) relata que, os reis castelhanos iam até a árvore de Guernica para prestar juramento de respeitar os foros e serem proclamados Senhores de Biscaia.

Durante o século XIX, os atos políticos e as concentrações para as assembleias aconteciam ao redor da Casa de Juntas, próximo onde se localiza a Árvore de Guernica. Nos dias atuais a Casa de Juntas é a sede da Assembleia Geral de Biscaia, e sob a Árvore de Guernica os presidentes do Governo Basco fazem o juramento no momento de tomar posse do cargo. (Ibidem). Dessa maneira, a Árvore permanece como um marco para o povo basco: um símbolo de sua identidade e de sua autonomia.

A cidade de Guernica ficou marcada pelo bombardeio aéreo das tropas alemãs, em 1937, durante a Guerra Civil Espanhola. A cidade ficou praticamente destruída, cerca de 70% de seus edifícios foram afetados, contudo permaneceram preservadas a Casa de Juntas e a histórica árvore de Guernica (o carvalho). Segundo o professor De Pablo (2007), os estudos que buscam responder os motivos do ataque baseiam-se numa interpretação nacionalista, a

qual justifica “[...] o bombardeio como sendo um ataque às liberdades bascas, imagem da resistência basca contra a opressão exterior, unindo a mitificação dos Foros, simbolizados pela Árvore de Guernica, com sua visão da guerra como um enfrentamento entre Euskadi e Espanha.” (Ibidem, s/p, tradução nossa). Ele considera que essa interpretação (ainda que legitimada) precisa ser revista, e novos dados precisam ser pesquisados. Na opinião dele, Guernica tornou-se um símbolo do horror da guerra, porque o ditador Franco negou a autoria de destruição, (alegando se tratar de um incêndio provocado pelos republicanos) e, principalmente, devido ao impacto causado pela pintura de Picasso. De Pablo (2007) infere que foi justamente o posicionamento de Franco que levou os meios de comunicação a produzir a polêmica que levou Picasso a produzir a pintura.

Em meio a este panorama, não é de se surpreender que, há setenta anos do bombardeio [em 2007], continue custando às pesquisas historiográficas sérias chegar a constituir o imaginário coletivo sobre Guernica. E é sua natureza simbólica que pode e deve ajudar-nos a refletir e a combater os horrores da guerra e da violência, porém não deve nos deixar esquecer de que o ocorrido em 26 de abril [de 1937] foi um fato histórico, com contornos precisos, que não convém manipular ao capricho de cada um, a não ser que queiramos que a memória histórica se converta em uma arma de combate política. (DE PABLO, 2007, s/p, tradução nossa).

À natureza simbólica de Guernica acrescenta-se também o fato histórico descrito por Oyarbide (2007) de que, em 26 de abril de 1945, se reuniram os chefes da Resistência no País Basco, Passicot e Aignerren, para defenderem a ideia de que “a Árvore de Guernica deve ser símbolo que assegure a união fraternal de todos os bascos, com o intuito de um regime permanente de plena paz.”. (Ibidem, s/p, tradução nossa). Além disso, o autor seleciona cinco lemas como referência ao papel simbólico da Árvore: “‘Guernica, símbolo de identidade, paz e reconciliação’, ‘honrar o outro’, ‘cultura de paz’, ‘pedagogia de paz’, ‘diálogo de povos e nações’”. (Ibidem, s/p, tradução nossa).

A Árvore de Guernica é homenageada por José Maria Iparraguirre (Urretxu, 1820-Itsaso, 1882) com a composição da canção Gernikako Arbola⁴ (A Árvore de Guernica), na qual os versos evocam uma oração de proteção para a Árvore: para que se mantenha a paz e o respeito às leis bascas, e para a manutenção da

autonomia das províncias bascas. Essa canção é de 1853, e desde então, segundo Vargas (2009), tornou-se um hino, não oficial, dos bascos para a manutenção dos foros.

Vargas (2009) conta que o primeiro Carvalho cujos reis medievais faziam juramentos data do século XIV e foi denominado de Árvore Pai, estima-se que nasceu por volta de 1334 e morreu em 1811. Foi sucedido pelo carvalho denominado de Árvore Velha ou Carvalho Velho, plantado em 1742 e que morreu em 1892. O tronco desta árvore foi protegido por um pequeno templo no jardim, e pode ser avistado desde o passeio, identificando e reforçando o significado que a Árvore tem para o povo basco. Em seguida foi plantada a Árvore Filha, a que ficou mais famosa, por ter sobrevivido como testemunha do ataque aéreo à cidade. E foi substituída em 2005 por um carvalho de 19 anos de idade, que foi condenado em 2015. E atualmente, há um novo carvalho descendente da Árvore Velha. As mudas descendentes dos carvalhos sagrados de Guernica são distribuídas para comunidades bascas espalhadas pelo mundo, com intuito de manter a identidade do povo mesmo que distante de seu país. Há, inclusive, descendentes dos Carvalhos de Guernica em São Paulo, na Argentina e no Chile.

Com o exposto, pretende-se demonstrar o intrincamento entre: a ênfase nos símbolos nacionais e o incentivo do Governo Basco para a naturalização da identidade basca, por meio do incentivo do uso da língua euskera. Ou seja, tanto Villalón (2016) analisa uma construção da identidade por estímulo governamental, quanto De Pablo (2007) já considerava a carência de outras leituras sobre o trauma de guerra vivenciado. Com isso, a Árvore de Guernica é vivificada como símbolo dos bascos, pois remete: à autonomia política (à sombra do Carvalho foram regidas as leis bascas e era onde os foros se realizavam) e à fraternidade entre os povos e à paz (defendida por Passicot e Aignerren, em 1945). Trata-se de um símbolo que é reforçado enquanto tal, inclusive, no hino não oficial, composto por José Maria Iparraguirre.

O cultivo do símbolo não acontece somente no sentido metafórico, mas também, o símbolo (no caso, a árvore) é cultivado literalmente, preservando a genealogia dos descendentes da Árvore que, além de serem plantados para substituir a planta original, são também disseminados para outros lugares do mundo como dispersão da identidade do povo basco.

A IDENTIDADE COMO “FICÇÃO”

A palavra identidade necessita ser contextualizada no que se pretende conduzir como linha de pensamento, uma vez que, essa palavra remete à vários contextos conforme for abordada. Por se tratar de uma identidade de caráter nacionalista, coletiva portanto, é uma identidade que precisa ser cultivada, valorizada e mantida por aqueles que se sentem (ou podem se sentir) pertencentes à ela. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2005):

A ideia de “identidade”, e particularmente “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente. Essa ideia foi forçada a entrar na Lebenswelt de homens e mulheres modernos – e chegou como uma ficção. Ela se solidificou num “fato”, num “dado”, precisamente porque tinha sido uma ficção, e graças à brecha dolorosamente sentida que se estendeu entre aquilo que essa ideia sugeria, insinuava ou impelia, e ao status quo ante (o estado de coisas que precede a intervenção humana, portanto inocente em relação a esta). A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia.

A identidade só poderia ingressar na Lebenswelt como uma tarefa – uma tarefa ainda não realizada, incompleta, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação. E o nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania territorial. Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar numa realidade (mais corretamente: na única realidade imaginável) – e a história do nascimento e da maturação do Estado moderno foi permeada por ambos. (BAUMAN, 2005, p. 26).

Se a identidade surgiu como uma ficção, para ser mantida enquanto realidade, ela precisa ser cultivada para consolidar-se como tal. No caso de Guernica, cultivar a identidade basca, pode significar estabelecer monumentos como símbolos políticos, sustentar o trauma do bombardeio vivido, assim como, construir a própria imagem de Guernica. Sobre a imagem de Guernica, há os que consideram que essa imagem ganhou repercussão por causa da pintura homônima de Pablo Picasso (Guernica, Pablo Picasso, 1937)⁵. Tal imagem difundiu-se tanto que sobrepôs à imagem representativa da cidade. Como se a ficção da pintura de Picasso criasse a realidade para a cidade. Válido ou não, o argumento não deixa de reforçar o trauma experienciado. Assim como, muitas outras localidades na Europa foram bombardeadas durante a Segunda Guerra Mundial, Guernica tornou-se o exemplar anúncio da barbárie que estava por vir.

O trauma vivido torna-se também ficção, conforme descrito anteriormente: “os traumas históricos que experimentamos sejam apenas o fato de que a história representada (a representação visual ou escrita da história) inclui uma carga fictícia insuportável.” (CASTRO, 2012, p. 148, tradução nossa). E toda essa “carga fictícia insuportável” resvala no reforço à uma imagem de identidade coletiva.

A artista Renata Lucas, ao intervir no espaço, compreende essa carga fictícia da história representada, que é reforçada pelo histórico dos conflitos separatistas e as ações violentas do ETA (grupo armado para libertação da nação basca, muito atuante durante a década de 1960). Justamente numa exposição, “Sentido e sustentabilidade”, em que a imagem da “cultura de paz” é enfatizada - ou seja, mais uma ficção que se pretende realidade -, a artista trabalha com todos estes elementos simbólicos do contexto criando um anacronismo entre a ficção da história representada e a realidade. Isto é, há um conflito de tempos e sobreposição de imagens de uma identidade. Embora, o conflito ou os conflitos fazem parte da batalha da constituição da identidade, trata-se da característica inerente ao próprio conceito de identidade, pois, conforme Bauman (2005):

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação: uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado... (BAUMAN, 2005, p. 83-84).

A recusa em ser devorado parece muito sensata na batalha da identidade. Ao longo de sua história, a identidade do povo basco é construída de maneira a manter a unidade, seja pela língua euskera, seja pela manutenção de sua autonomia política. Há uma busca em não se deixar devorado pela globalização, em manter vivas suas particularidades, inclusive, seus traumas, mesmo que eles carreguem uma “carga fictícia insuportável”.

Bauman (2005) considera que há duas razões para as reivindicações de autonomia ou mesmo de independência⁶:

Uma delas é a tentativa séria e desesperada, ainda que mal orientada, de encontrar um modo de proteger-se dos ventos globalizantes, ora gelados, ora abrasadores, uma proteção que os muros carcomidos do Estado-nação não mais proveem. Outra é a reavaliação do pacto tradicional entre nação e Estado, o que não causa nenhuma surpresa num momento em que os Estados, em processo de enfraquecimento, têm cada vez menos benefícios a oferecer em troca da lealdade exigida em nome da solidariedade nacional. (Ibidem, p. 62).

Ambas as razões reforçam a batalha do fortalecimento da identidade, ambas advém dos problemas trazidos com a globalização: a homogeneização e o enfraquecimento do bem-estar social... Entretanto, o sociólogo alerta para os perigos da fragmentação, das lutas locais separatistas: “Qualquer um que defenda ‘identidades locais’ como um antídoto contra os malefícios dos globalizadores está jogando o jogo deles – e está nas mãos deles.”. (BAUMAN, 2005, p. 95). Ou seja, o embate constante está posto: há a luta para as particularidades não serem devoradas pelo todo, há o intuito de um pertencimento, há uma história com sua carga real e sua carga fictícia, e, ao mesmo tempo, há o risco de se jogar as mesmas regras do jogo ao qual se luta contra. Seria a questão: a

busca da autonomia sem a fragmentação? A ênfase no euskera como o estabelecimento da identidade, enquanto unidade? A busca da cultura de paz, seria mais uma ficção?

Seja como for, EL VISITANTE (2012) é apenas uma intervenção temporária, uma ficção sobre outra ficção (?), ou uma ficção que emerge junto à realidade local. E que pode apenas nos remeter à imagem de uma árvore comum, a Sibipiruna, das calçadas nas grandes cidades do sudeste brasileiro que temporariamente compõe o cenário dos sagrados Carvalhos.

Autonomia, identidade, pertencimento, globalização, história, símbolos... todos conceitos pertencentes a um mesmo contexto, mesmo que temporário, mesmo que apenas no período de duração da exposição.

O propósito de plantar uma Sibipiruna, uma árvore de espécie nativa brasileira, pode ser entendido como a intenção em marcar a presença de uma identidade diversa em meio ao solo basco, ou seja, uma maneira da artista trazer sua nacionalidade para questionar o papel do outro. Enfatiza-se que esse outro é a própria nacionalidade da artista, e não a identidade basca, a qual poderia também ser entendida como outro no país espanhol.

Para tanto, pode-se entender EL VISITANTE (2012) como um questionador, ou seja, uma provocação da Sibipiruna para o Carvalho, pois não se pode simplesmente descartar a representação da Sibipiruna como uma árvore brasileira urbana. Reforça-se o aspecto urbano, com intuito de minimizar a leitura pelo estereótipo do exotismo: não se trata de uma espécie símbolo do exotismo do Brasil. Embora seja uma espécie nativa da Mata Atlântica, trata-se de uma árvore muito utilizada na arborização dos grandes centros urbanos. Talvez, ressaltar a utilização urbana desta espécie de árvore possibilite pensar a identidade de EL VISITANTE (2012) como uma representação globalizada, isto é, uma singularidade já globalizada e adaptada à urbanização. Não há um elemento que a singu-

larize enquanto as particularidades de uma possível identidade brasileira (o exotismo talvez...), ao contrário, é uma árvore de fácil adaptação, fácil manejo e excelente para o urbanismo.

O visitante carrega consigo um aspecto presente da globalização: a semelhança entre os centros urbanos no mundo, questionando, assim, o achatamento da possibilidade de singularidades. Portanto, a provocação de EL VISITANTE (2012) consiste em entender o estrangeiro como estranhamento, ou o estranho como estrangeiro, ou como desencadeador de possíveis associações com o diferente, ou mesmo, sequer percebê-lo. Na verdade, a intervenção estabelece-se como uma situação - um desvio enquanto uma provocação à percepção - possibilita às leituras serem problematizadas.

Justamente, trata-se da problematização do olhar do outro, do visitante, do estranho, daquele que está do lado de fora - considerando as questões dos traumas de guerra e da identidade basca. Aliás, a intervenção de Renata Lucas coloca-se, não como subjugada a tais questões, mas, ao contrário, como um olhar do outro - ou, a percepção - sobre aquilo que é sagrado enquanto história de uma identidade.

A DIMENSÃO CRÍTICA DA VISITA

As identidades, a história local, a carga fictícia insuportável, os símbolos e os signos: todos esses elementos constituem EL VISITANTE (2012) e possibilitam-lhe sua singularidade. Mesmo após cinco anos da intervenção é possível discuti-la e refletir a respeito das repercussões que tal trabalho ocasionou e ainda suscita, principalmente, nos dias atuais quando há uma intensificação do êxodo rumo à Europa. Ressalvadas as diferenças entre a visita da Sibipiruna e o fluxo migratório, a questão do outro, do estranho, do estrangeiro torna-se um campo fértil para discussão.

Em vista disso, a presença do outro, mesmo que seja temporária enquanto uma visita, pode ser inesperada, despreparada ou, até mesmo, não desejada, o outro pode ser um estranho. E estranhos são aqueles que “tendem a causar ansiedade

por serem 'diferentes' – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar.”. (BAUMAN, 2017, s/p). Tal sensação provocada pela a ideia da presença do estranho é um fator desencadeador de uma ansiedade, que é amplificada quando vivificada no âmbito coletivo, pois

Sobre os estranhos, porém, sabemos muito pouco para sermos capazes de interpretar seus artifícios e compor nossas respostas adequadas – adivinhar quais possam ser suas intenções e o que farão em seguida. E a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo. (BAUMAN, 2017, s/p)

No caso de EL VISITANTE (2012), o outro é apresentado pela Sibipiruna. Mesmo sendo uma árvore, ainda assim, não deixa de ser reconhecida como uma espécie alheia àquele local. Ou seja, estranha. Conforme Bauman (2017), a presença do outro pode ser imprevisível e causar uma inquietação por não saber como proceder, ao que tudo indica, esse tipo de ansiedade e medo geram uma falsa sensação de segurança ao reforçar a identidade. Assim, a presença do estranho reitera uma convicção de pertencimento.

Materialmente simples e concisa, a intervenção desencadeia uma série de reflexões sobre o contexto onde se insere. Aliás, o que representa a própria presença de uma Sibiruna. O Carvalho é árvore símbolo representativo de divindades e, assim como, de fortunas e de prosperidade, conseqüentemente, não é somente para o povo basco que o Carvalho é uma árvore simbólica. Em contrapartida a Sibipiruna estabelece-se despida de qualquer história grandiosa, sem elementos que a qualifiquem como extraordinária, apenas um elemento comum da realidade das cidades do sudeste brasileiro. Seus atributos são meramente físicos (botânicos e paisagísticos) sem nenhum caráter simbólico ou carga coletiva impregnada em sua representação. A Sibiruna é literal. É o que é: uma árvore utilizada na arborização urbana.

Essa representação austera da Sibipiruna torna-a uma visita um tanto incômoda. Tão globalizada que pode até ofender a identidade canônica dos Carvalhos.

A Sibipiruna, símbolo de uma identidade diversa, vem visitar os sagrados Carvalhos de Guernica. Por um tempo determinado cria um atrito, ou conforme já descrito, provoca um “colapso simbólico dos signos e do tempo, uma disjunção física, um cruzamento entre o agora e seu anacronismo.” (CASTRO, 2012, p. 148, tradução nossa). E, ao que tudo indica, o agora permanece no encontro com seu anacronismo nas imigrações, nas identidades e nos refugiados: traumas que se revivificam, que não se curam, que permanecem correntes.

Assim, EL VISITANTE (2012) com sua presença silenciosa, provoca fricção por sua dimensão crítica: ao estabelecer outras relações de tempos e espaços políticos, e ao produzir ficções, que suscitam e sustentam dissensos.

REFERÊNCIAS

BALMISA, Alberto Sanches. Prólogo – Sentido y sostenibilidad. Una historia en três actos. In: Exposição “Sentido y Sostenibilidad - Lecturas”. 2012, Guernica. Catálogo da Exposição. Eusko Jaurlaritza – Gobierno Vasco: Fundación, 2012. (pp. 89-97). Disponível em:

<http://www.sentidoysostenibilidad.org/reader_SENTIDO_Y_SOSTENIBILIDAD.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Estranhos à nossa porta. Rio de Janeiro: Zahar Ed.; 2017. In: COSTA, Luísa, O “pânico moral” na crise imigratória, segundo Bauman. Veja.com, 06 jan. 2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/abre-aspas/o-panico-moral-na-crise-imigratoria-segundo-bauman/> Acesso em: 12 jan. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar Ed.; 2005.

CASTRO, Daniela. Mañana te llamé pero nunca habrás contestado. Deseo saber algo de ti, Yesterday, quicksands - RENATA LUCAS - EL VISITANTE. 2012. In: Exposição “Sentido y Sostenibilidad - Lecturas”. 2012, Guernica. Catálogo da Exposição. Eusko Jaurlaritza – Gobierno Vasco: Fundación, 2012. (pp. 143-148). Disponível em:

<http://www.sentidoysostenibilidad.org/reader_SENTIDO_Y_SOSTENIBILIDAD.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

DE PABLO, Antiago. ¿Sólo un bombardeo?. Jornal: El Diario Vasco. San Sebastián, País Basco. 26 abr. 2007. Disponível em:

http://www.diariovasco.com/prensa/20070426/opinion/solo-bombardeo_20070426.html. Acesso em: 15 jan. 2017.

FERREIRA, Leonídio Paulo. Guernica lembra que há bons e maus. Jornal: Diário de Notícias. Lisboa, Portugal. 03 set. 2012. Disponível em:

<http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/leonidio-paulo-ferreira/interior/guernica-lembra-que-ha-bons-e-maus-2748602.html>. Acesso em: 15 jan. 2017.

OYARBIDE, Inñaki Adúriz. Gernika, esperanza de paz. Jornal: El Diario Vasco. San Sebastián, País Basco. 27 out. 2007. Disponível em:

<http://www.diariovasco.com/20071027/opinion/gernika-esperanza-20071027.html>. Acesso em: 19 fev. 2017.

SENTIDO Y SOSTENIBILIDAD. Renata Lucas – El Visitante. Site da exposição “Sentido y Sostenibilidad”, de 21 de julho a 23 de setembro de 2012. Gobierno Vasco. 2012. Disponível em:

<<http://www.sentidoysostenibilidad.org/en/portfolio-item/renata-lucas-3>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

VARGAS, Fábio Aristimunho (Org.). Poesia basca: das origens à guerra civil. São Paulo: Hedra, 2009.

VILLALON, Adriana María. CONSTRUYENDO LA VASQUIDAD: DE ESTÍMULOS, CONVIVENCIAS Y LÍMITES LINGÜÍSTICOS. Mana, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 519-550, Aug. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132016000200519&lng=en&nrm=iso.

Acesso em 17 fev. 2017.

NOTAS

1 *EL VISITANTE*, 2012. Renata Lucas. Intervenção, no *Camino Real, Calle de Santa Clara*, na Reserva da Biosfera de Urdaibai. Exposição “*Sentido y sostenibilidad*”, Guernica, País Basco. Curadoria de Alberto Sánchez Balmisa. De 19 de julho a 23 de setembro de 2012.

2 Nome científico da Sibipiruna: *Caesalpinia peltophoroides*.

3 Segundo Villalón (2016), *euskaldun* pode significar aqueles que têm o *euskera* como língua materna, quanto àqueles que dominam idioma.

4 Canção disponível em El Portal de la Poesía Vasca: <http://basquepoetry.eus/?i=poemak-es&b=1388> . Acesso em 19 fev. 2017.

5 *Guernica* foi pintada por Pablo Picasso, em 1937, após o bombardeio à cidade. Exibida pela primeira vez em Paris, a grandiosa obra ganhou notoriedade pelo caráter de denúncia dos horrores da Guerra Civil Espanhola, e dos abusos do ditador Francisco Franco.

6 Bauman (2005) não se refere ao caso basco, mas a colocação apresentada torna-se pertinente para a discussão presente.

Artigo submetido em 16 de Janeiro de 2017

Aceito para publicação em 24 de Fevereiro de 2017